



Como citar esse texto: GODINHO, P. O contributo da Educação Patrimonial na construção da memória. V!RUS, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: . Acesso em: dd mmm. aaaa.

Patrícia Azevedo Godinho é artista plástica, pintora e mediadora cultural, e Mestre em Educação Artística. Coordenadora do projeto ENTRE MEMÓRIAS. Estuda o lugar e o papel da educação nos Museus Municipais.

Resumo

Estando o património intimamente ligado às memórias coletivas, mas também individuais, interessa-nos aqui refletir sobre o seu contributo na construção das memórias das comunidades. Um trabalho protagonizado essencialmente pelas equipas educativas dos museus e assente, muitas vezes, nas premissas da Educação Patrimonial cujo objetivo é precisamente valorizar a diversidade cultural através da valorização da identidade local. Apresentamos ainda, e de uma forma breve, o projeto Entre Memórias – educação patrimonial itinerante e algumas das ações que realiza a partir do património cultural português, participando desse modo, no processo de construção da memória através da educação patrimonial.

Palavras-chave: V!15, Memória, Patrimônio, Educação patrimonial

1 Memória e Patrimônio

Ao falarmos de *memória* estamos a falar da memória individual, da memória familiar e da memória coletiva. A *memória* é plural, e nela cabemos nós ou é através delas – das memórias – que nos construímos: individualmente, no seio da nossa família e no seio das nossas comunidades.

É nesta *memória* – plural – que encontramos outros conceitos como *patrimônio* e *identidade*. São as memórias que nos fazem, que nos constroem e também contribuem para os seres que somos. São então elas que estão na base do processo de identidade, aliadas a valores históricos, artísticos, culturais, naturais, sociais, ... São as memórias que, ao quisermos que se mantenham “vivas”, se “materializam” em edifícios históricos, monumentos, paisagens naturais, objetos arqueológicos, obras de arte, objetos de adorno, cantares, danças, objetos de trabalho, modos de fazer, ... e a todas estas memórias, um património.

Acontece atualmente, e um pouco por todo o mundo, a crescente valorização do património e, mais do que isso, da diversidade de patrimónios, isto é, a diversidade cultural. É através desta preocupação, latente em cada região e em cada país, que a diversidade cultural é preservada através dos testemunhos históricos, mantendo vivas, na memória das comunidades, as memórias que na maior parte das vezes não foram vividas por esses indivíduos (MENDES, 2009, p.13). Tal como José Amado Mendes (2009: 13) refere “O património e os próprios monumentos/documentos permitem recordar e ajudam a operacionalizar o processo de memorização.” Assim, com os monumentos, para além de se edificar o que se pretende homenagear, prevalece a ideia de se manter viva, na memória das pessoas, o que esse monumento representa, mesmo sabendo que as gerações mais novas não viveram esse determinado episódio da história (local ou nacional) que se está a prestar homenagem (MENDES, 2009, p.13). E tal também é válido em cada conjunto arquitetónico preservado, em cada escavação arqueológica iniciada, em cada saber valorizado, em cada pessoa da comunidade (pescador, artesão, construtor, cozinheiro, ...), em cada paisagem natural validada enquanto património da humanidade,... em cada ponte, em cada calçada romana, em cada moeda, em cada ponta de seta, em cada anel, em cada panela, em cada rede de pesca, em cada anzol, em cada moinho, em cada azulejo, em cada igreja e capela, ... Em todos eles, memórias. Memórias construídas, entendidas, compreendidas à luz da história, dos acontecimentos, das vivências, dos tempos, de outros tempos.

Tal como Elsa Peralta e Marta Anico (2006:1) nos esclarecem, “verifica-se que a partir de um dado momento se interiorizou a ideia de que o património é ‘bom’ e que ‘perdê-lo’ implica também ‘perder’ identidade e que isso é ‘mau’ e, portanto, deve ser evitado.” Neste sentido, a ideia de *identidade* passou, sem dúvida, a ser um conceito presente nas preocupações políticas sendo que, é através da identidade que se constrói uma comunidade regida por valores de defesa e preservação patrimonial, das memórias locais e, conseqüentemente, das do seu país. Os novos modelos políticos regem-se, em grande medida, pela inter-relação com o território, as comunidades e a cultura (PERALTA & ANICO, 2006) e afirmam a necessidade em demonstrar que existem culturas específicas e, portanto, diversidade cultural que deve ser preservada.

Temos então que refletir sobre: como ou qual a melhor forma das pessoas criarem a sua identidade? Como será o processo de identificação com o passado? Será através dos feitos nacionais ou dos locais?

Mendes (2009) refere que este processo de identificação deve ser feito primeiramente ao nível local. Deste modo, e pela grande circulação de pessoas e mensagens neste mundo global, e pela grande necessidade de afirmação cultural num mundo que é diverso, assiste-se a uma

intensificação da revalorização do local através da proliferação de museus locais (ANICO, 2008, p. 35). É nesta revalorização do local e, consequentemente, do nacional, que reside a construção da memória, da identidade mais profunda de uma comunidade.



Fig. 1. Por Terras Pitorescas, ATL do Linhó, Sintra, Portugal. Fonte: Sónia Oliveira, Entre Memórias, 2016.

2 O conceito de património e as instituições que o preservam

O conceito de património nem sempre foi tão vasto como o entendemos atualmente. A noção de património era, primeira e unicamente, atribuído aos bens, herança, propriedade ou legado transmitidos, adquiridos ou possuídos por alguém. A noção de património numa acepção mais restrita e ligada aos aspectos culturais surge apenas nos anos 30 do século xx. Vulgarizou-se o termo "património cultural" e das questões a ele ligado – legislação sobre o património, associações de salvaguarda do património, valorização e preservação do património, gestão do património, etc. (MENDES, 2009, p. 21)

Para além desta progressiva vulgarização da expressão *património cultural*, também se começou a assistir ao próprio alargamento do conceito de património. Se nas primeiras décadas do século xx

o dito conceito tinha uma abrangência muito limitada [contemplando, nomeadamente,] (...) monumentos de índole religiosa e militar, obras de âmbito das Belas-Artes, espólio de antigas civilizações, proveniente de escavações arqueológicas, instrumentos / equipamentos científicos ou técnicos muito raros, antigos e de valor excepcional. (MENDES, 2009: 21)

A partir de meados do século xx, o património cultural foi enriquecendo de tal forma que se tornou necessário atribuir a cada conjunto uma tipologia: rural, urbano, gastronómico, folclórico, arquitetónico, artístico, ambiental, paisagístico, literário, linguístico, arqueológico, industrial, etnológico, imaterial.

É com esta profunda expansão do conceito *património*, ligada, claro está, à necessidade de valorizar as identidades locais e sua diversidade cultural, que surge a necessidade cada vez mais urgente de proceder à valorização e preservação do património local. Já não importa apenas preservar castelos e igrejas, mas também moinhos e modos de picar as mós, moer os cereais e de fazer o pão; fábricas e modos de fazer objetos, ou a sua própria manutenção; barcos, utensílios ligados à pesca e modos de captura do peixe; o saber ligado ao pastoreio, à forma como se produz um chocalho ou como se tosquia uma ovelha; entre tantos outros exemplos.

Surgem, portanto, muitos pontos no território musealizáveis, construtores de memórias de um passado que teima em permanecer vivo, presente para que as comunidades não esqueçam os seus valores identitários num mundo cada vez mais global.

Os museus, mas também as entidades de gestão cultural locais, desempenham um papel fundamental na preservação e valorização dos testemunhos patrimoniais. Quando nos anos 70 do século xx se assistiu, e num contexto museológico, à procura da democratização no acesso à cultura, os museus passaram a procurar um maior envolvimento das pessoas, dos grupos e das comunidades. Os sentimentos de cidadania, pertença, identidade cultural e de salvaguarda do património são ativados através de ações que sensibilizam os diferentes grupos e que os leva a conhecer e compreender o património que os rodeia. É através de ações de educação patrimonial que a construção das memórias ligadas ao património local acontece.

3 O papel da educação patrimonial na construção da memória

O Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Brasil define, no seu website, de uma forma muito prática o que é a Educação Patrimonial:

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial. (IPHAN, 2014)

A Educação Patrimonial surge da perspetiva de que os indivíduos ao conhecerem e compreenderem o seu património, desenvolvem um processo de identificação e facilmente apreendem os valores ligados à preservação e valorização do património. Ao se proporcionar um encontro com o passado, enriquecendo o presente e projetando-se no futuro, está-se a procurar uma busca incessante de ativação, recuperação e construção da "memória social" (HORTA, 2000, p. 35), precisamente, como processo de reforço dos valores identitários.

Um dos aspetos fundamentais de qualquer atividade ou programa de atividades em Educação Patrimonial é que estas envolvam as comunidades enquanto participantes efetivas das ações educativas e, consequentemente, que o património ou os bens culturais a partir dos quais se desenvolve a ação, sejam dos próprios espaços onde essas comunidades habitam. (IPHAN, 2014)

A Educação Patrimonial é um processo de mediação cultural e muitos são os programas educativos que se dirigem às crianças e jovens, mas também a famílias, seniores e outros grupos organizados. Habitualmente, e no caso português, os programas de Educação Patrimonial são dinamizados pelas equipas educativas integradas em Museus, nomeadamente, os de gestão local. Contudo, associações, empresas ou

projetos desenvolvem também programas de atividades que procuram sensibilizar os mais jovens para a importância e salvaguarda do património que os rodeia.

A Educação Patrimonial considerada como processo educativo e de aprendizagem é uma metodologia que tanto pode acontecer em contexto de educação formal (escolas), como em contextos de aprendizagem não formal (museus, bibliotecas, arquivos, ...), ou informal (imprensa local, internet).

Os mediadores culturais têm à sua disposição vários recursos educativos: gincanas culturais, atividades *hands-on*, teatro de fantoches, leitura de histórias, visitas culturais, entre outras (DUARTE, 1994). Contudo, e como nos diz Horta (2000:30), "Trabalhar educacionalmente com o património cultural não pode ser apenas uma tarefa de passagem de informações e discursos pré-fabricados (...)", importa, pois, que o aluno se envolva neste processo de descoberta, de conhecimento, familiarizando-se com o conceito de património e sensibilizando-o para as suas diferentes manifestações. Ao aluno / participante das ações de educação patrimonial importa que procure identificar os significados atribuídos às coisas, visitando, conhecendo, explorando e, ao mesmo tempo, construindo uma literacia cultural, deixando-se, até, envolver pelas próprias comunidades. Será mais fácil assim que o indivíduo reconheça a riqueza, o valor e a importância do património e das suas diferentes manifestações, compreendendo o seu papel enquanto agente ativo pela defesa do Património.

4 O caso do projeto **Entre Memórias: educação patrimonial itinerante**@

É através da premissa de que a Educação Patrimonial tem um papel fundamental na ativação dos valores identitários, na construção da memória individual e coletiva, na compreensão da importância e valor que o património representa que nasce o projeto ENTRE MEMÓRIAS – Educação Patrimonial Itinerante.

Por ser itinerante, não se restringe a um espaço físico e toma a sua itinerância como uma mais-valia na construção das memórias identitárias com os diferentes grupos com que trabalha. Sentimos que é desta forma que transformamos os grupos com quem trabalhamos em cidadãos mais informados e responsáveis na preservação e salvaguarda do património do seu bairro, da sua freguesia, da sua cidade, do seu país.

Primeiro tomamos como ponto de partida o património de cada um - aquele que é único e que só ao indivíduo lhe diz respeito. E nele estão memórias que fazem parte da nossa infância. Surge assim o "(Des) concertos em Família" e o "Balalaão", ações pensadas para reativar as memórias dos pais e levar as famílias a entoar o cancionero infantil, as lengalengas, os destrava-línguas, guardados nas memórias das suas infâncias.



Fig. 2. (Des) Concertos em Família, na Biblioteca da Junta de Freguesia da Estrela, Lisboa, Portugal. Fonte: Patrícia Azevedo Godinho, Entre Memórias, 2016.

Depois, partimos para o património do bairro - aquele pelo qual passamos todos os dias e quase que não damos por ele, na correria das nossas rotinas. Surgem os ateliers, as histórias contadas para miúdos nas Escolas ou para famílias nos diferentes espaços culturais que nos acolhe.



Fig. 3. Pé ante pé, pedra sobre pedra: construindo história sobre o Castelo de Palmela, na Biblioteca Municipal do Pinhal Novo, Palmela, Portugal. Fonte: Joana Gonçalves Maurício, Entre Memórias, 2016.

Na ação educativa "Azu... quê?! Azulejos!", desenvolvida com 122 crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos, na freguesia de Alvalade, em Lisboa, Portugal, e que abordava o património azulejar daquela freguesia, foram logo perceptíveis certos comentários que confirmam as nossas suspeitas: "Ah! Eu conheço isto, eu passo por lá todos os dias com a minha avó.", "Eu moro mesmo aqui ao lado!". Esta ativação do património fez como que os participantes no atelier passassem a dar importância, neste caso, aos diferentes painéis de azulejos do seu bairro e olhar para eles de outra forma, sabendo agora um pouco da história desta manifestação artística presente nas nossas cidades, em particular daqueles azulejos do bairro onde moram e onde estudam.



Fig. 4. Azu... quê? Azulejost!, nas Escolas da Freguesia de Alvalade, Lisboa, Portugal. Fonte: Sara Aguiar, Entre Memórias, 2016.

Um outro exemplo que aqui ainda podemos partilhar é a ação "MEMÓRIAS DANÇADAS – Ponha aqui o seu pezinho" que pretende avivar as memórias do corpo, já esquecidas, ligadas às danças tradicionais outrora dançadas nos bailes das nossas aldeias.



Fig.5. Ponha aqui o seu pezinho, no Jardim de Infância de Alfragide, Oeiras, Portugal. Fonte: Patrícia Azevedo Godinho, Entre Memórias, 2016.

Ao utilizarmos como objeto de estudo o património envolvente da Escola, por exemplo, ou do local que nos acolhe (Biblioteca, Museu, Jardim, etc.), atribuímos-lhe um significado e dotamo-lo de sentido e de valor juntamente com os participantes das nossas ações. Sendo a Educação Patrimonial uma mediação cultural que permite ativar o património e as memórias a ele ligado estamos, neste sentido, a contribuir para a construção da memória individual e coletiva.

Referências

- ANICO, Marta. **Museus e pós-modernidade : discursos e performances em contextos museológicos locais**. Lisboa: UTL-ISCS, 2008.
- DUARTE, Ana. **Educação Patrimonial. Guia para Professores, Educadores e Monitores de Museus e Tempos Livres**. Lisboa: Texto Editores, 1994.
- ENTRE MEMÓRIAS – **Educação patrimonial itinerante**, 2016. [visto em 23-10-2017] Disponível em: www.entrememorias.com
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Fundamentos da educação patrimonial**. In: Ciências & Letras, Educação e Patrimônio Histórico-Cultural, nº 27, Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, pp. 25-35, 2000.
- IPHAN - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 2014 [visto em 23-10-2017] Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>
- MENDES, J. Amado. **Estudos do Patrimônio: Museus e Educação**. Coimbra: Imprensa Nacional de Coimbra, 2009.
- PERALTA, Elsa & ANICO, Marta. **Patrimónios e Identidades: ficções Contemporâneas**. Oeiras: Celta, 2006.